

Museu e Educação

José do Nascimento Junior*

Gostaria primeiramente de agradecer o convite para participar da Mesa sobre Museu e Educação. Essa é uma temática sobre a qual os trabalhadores em museus estão se ocupando cada dia mais.

A preocupação dos museus com o público visitante e com seus diferentes níveis de extensão, tem como resultado a busca de estratégias de compreensão do que é exposto ou das diferentes temáticas que os museus trabalham.

Trabalharei com três questões, que a meu juízo, articulam a idéia de museu e educação e podemos tirar conseqüências para museus de diferentes tipologias:

- 1) Qual o papel dos museus no momento em que passamos por uma crise da memória e quê conseqüências têm na institucionalização dessa memória?
- 2) Quais as contribuições que o museu pode aportar para o processo educacional?
- 3) Quais as tensões referentes a essa aproximação Cultura e Educação?

Gostaria aqui de começar explorando duas definições conceituais do que seja **museu**: O museu como fenômeno cultural, ou seja, como representação de uma dada cultura e como expressão da cultura ocidental. Segue, como afirma Mário Chagas (1996): **“... como uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante, e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades, na ação que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na ação, situando suas atividades em um quadro histórico que permite esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais. Enfim, é um espaço de trocas, de relação e de preservação de documentos, que só possuem sentido se para eles houver um uso social”**.

* Antropólogo, diretor do Museu Antropológico do Rio Grande do Sul e Coordenador do Sistema Estadual de Museus/RS

O museu não é um espaço acabado, restrito a quatro paredes para existir. Porém o museu vem buscando cumprir seu papel social, muito embora em sua maioria ainda restrito ao plano conceitual.

A conseqüência dessas definições nos obriga a pensar novos paradigmas da museologia. Esse debate não pode ser dissociado de uma visão crítica à metodologia tradicional que pensa o museu como gabinete de curiosidades ou como, apenas, expositor de belas-artes.

Pensar os museus nos marcos da nova museologia, construir um museu dialógico, significa deixar cada vez mais em aberto as possibilidades de interpretação do público em relação ao que está exposto, criando assim um espaço para o pensamento crítico e criativo, capaz de motivar os visitantes. Nesse sentido, é preciso repensar o conceito de museu e as possibilidades cognitivas no espaço museal. A busca de novas técnicas museográficas e expositivas, em interlocução com as Ciências da Informação, colocadas ao estímulo do pensamento crítico, poderá romper com a pasteurização ou mesmo com a espetacularização das exposições, onde o valor dos cenários torna-se maior que o dos objetos a serem expostos, que o discurso museológico, que a importância do público.

O que está em questão quando fazemos essa proposta de um museu dialógico, é refletir sobre essas instituições, num momento de crise da memória, a partir do dilema de 'Hermes', da tradução, da interpretação, da construção da alteridade, da compreensão do 'Outro'. Um dilema de como transformar os museus em verdadeiros "espaços de mediação cultural", da "fusão de horizontes", conforme nos colocam os hermeneutas. Essas são tarefas

daqueles que atuam nessas instituições – trabalhar criativamente para a construção de uma nova visão na qual o espaço constitua a dialética entre o interior e o exterior, no sentido bachelariano de uma “imaginação poética”.

Mudanças na linguagem implicam em outra noção de espaço e tempo. Adaptar a ação dos museus na lógica atual da cultura de massa, significa sempre pensar o sucesso ou não de uma exposição, mais pela quantidade de público do que pelas questões que ela nos coloca. O tempo a ser vivenciado nos museus não pode ser o tempo fugidivo da sociedade do capital, “onde tudo que é sólido desmancha no ar”, como nos diz Marshal Berman, parafreando Marx. Devemos buscar o tempo do *Fleuners* de Baudelaire: caminhar como um passageiro pelo museu, sem a noção do tempo marcado no relógio, mas apenas a noção do tempo da memória, um tempo relativizado pelo olhar poético do que está exposto, ou seja, o tempo de cada um de nós. Essa referência anterior aponta para pensar o museu como espaço de educação não formal, rompendo com uma visão de museu apenas como recurso pedagógico a mais para professores e alunos. Significa dizer que, tanto os museus quanto a escola, têm que mudar radicalmente sua visão frente a essa problemática. É colocada para os museus a tarefa de ampliar e renovar seus serviços pedagógicos, oferecendo um conjunto de ações que abarque todos os públicos, do infantil ao dos especialistas e professores. Os estudos de perfil dos públicos frequentadores de museus, indicam para a seguinte estratificação:*

- 1) **Os especialistas**
- 2) **O assíduo**
- 3) **O esporádico**
- 4) **O cativo**
- 5) **Os coletivos**
- 6) **Os que vão**

Para cada um desses devemos pensar uma política pedagógica à luz das suas expectativas:

- Os especialistas – esses muito pouco participam das atividades educativas e não necessitam de mediadores entre eles e o que está exposto.
- Os assíduos – são aqueles usuários cotidianos do museu e seus serviços, tem um bom nível de conhecimento e sempre procuram ampliá-lo.
- Os esporádicos – vão uma vez que outra, muito espaçadamente, como por exemplo, os turistas.
- Os cativos – públicos escolares em geral e crianças que vão ao museu não por sua própria decisão, mas conduzidos por adultos.
- Os coletivos – estão entre os esporádicos e os cativos, são aqueles que vão empurrados por outros, não iriam sozinhos.
- Os que vão – é a grande maioria da população -público em potencial dos museus.

Isso significa dizer que não é possível pensar mais como tarefas educativas, apenas a superficialidade das visitas guiadas. A relação do museu com a escola não pode ser apenas de caráter eventual, mas sim de estabelecer programas educativos permanentes que busquem dar historicidade aos objetos expostos, e não a reificação dos mesmos em uma relação apenas de contemplação. Muitas vezes não busca uma visão crítica e nem coloca a disposição do público as diferentes possibilidades interpretativas.

* Setor Pedagógico Museu Reina Sofia – Madri, Espanha

Na caminhada de mudança da escola contemporânea, buscamos articular a idéia de cultura como elo entre a mesma e o museu, construindo um trinômio importante para a materialização dessa perspectiva, em que devemos levar em conta Pluralidade Cultural, Dinâmica Cultural e Capital Cultural Local.

São desafios que devemos todos educadores, artistas, museólogos, trabalhadores em museus em geral, buscar obter respostas, mesmo que sejam parciais, que tenham a gênese da mudança na direção da construção de uma sociedade mais fraterna, mais humana e mais democrática.

Referências Bibliográficas: Chagas, Mário – Museália, RJ, JC Editora, 1996